

TERRITÓRIO E FRONTEIRA: INTERAÇÕES ESPACIAIS ENTRE AS CIDADES DE OUANAMINTHE (HAITI) E DAJABÓN (REPÚBLICA DOMINICANA)

Guerby Sainté¹
Márcio Cataia²

RESUMO

O presente artigo visa examinar o comércio transfronteiriço entre as cidades de Ouanaminthe (Haiti) e Dajabón (República Dominicana) e seu destaque social e econômico. Do ponto de vista teórico, o conceito de fronteira é central. Ademais, mobilizaram-se os nexos entre política e território, a fim de analisar os fluxos de mercadorias, pessoas e serviços que atravessam a fronteira. Esta, por sua vez, consiste em uma dinâmica que possui duas origens. A primeira, própria às cidades concernidas em uma economia endógena de mutualidade entre elas. A segunda atravessa as cidades: são mercadorias e pessoas de outras localidades que alimentam os fluxos internacionais entre os dois territórios. No âmbito analítico, a circulação ganha destaque, já que essas cidades localizam-se ao longo de rodovia que liga os dois países. Por fim, no aspecto empírico, buscaram-se dados sobre as trocas comerciais para fundamentar a análise.

Palavras-chave: Território. Fronteira. Comércio Transfronteiriço. Interações espaciais.

TERRITORY AND BORDER: SPATIAL INTERACTIONS BETWEEN THE CITIES OF OUANAMINTHE (HAITI) AND DAJABÓN (DOMINICAN REPUBLIC)

ABSTRACT

This article aims to examine cross-border trade between the cities of Ouanaminthe (Haiti) and Dajabón (Dominican Republic) and its social and economic prominence. From a theoretical point of view, the concept of the border is central. In addition, the links between politics and territory were mobilized in order to analyze the flows of goods, people and services that cross the border. This, in turn, consists of a dynamic that has two origins. The first is specific to the cities concerned in an endogenous economy of mutuality between them. The second crosses the cities: goods and people from other places feed the international flows between the two territories. In the analytical context, circulation is highlighted, since these cities are located along the highway linking the two countries. Finally, from an empirical point of view, data on trade is sought to support the analysis.

¹Aluno de doutorado do Programa de Pós-graduação em Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo- Fapesp. E-mail: guerby20102010@gmail.com

² Professor. Livre Docente do Departamento de Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. E-mail: cataia@unicamp.br

Key-words: Territory. Border. Cross-border trade. Spatial interactions.

TERRITOIRE ET FRONTIÈRE: INTERACTIONS SPATIALES ENTRE LES VILLES DE OUANAMINTHE (HAÏTI) ET DAJABÓN (REPUBLIQUE DOMINICAINE)

RÉSUMÉ

Notre objectif est d'analyser le commerce transfrontalier entre les villes d'Ouanaminthe (Haïti) et de Dajabón (République dominicaine), ainsi que son importance sociale et économique. Théoriquement, le concept de frontière est au cœur de notre attention, et les liens entre politique et territoire sont mobilisés pour analyser les flux de marchandises, de personnes et de services traversant la frontière. Cette dynamique a deux origines: d'une part, propre aux villes concernées, dans une économie endogène de réciprocité entre les villes, et d'autre part, traversant les villes: ce sont des marchandises et des personnes d'autres villes qui alimentent les flux internationaux entre les deux territoires. Analytiquement, la circulation est mise en avant, car ces villes sont situées le long d'une importante route reliant les deux pays. Empiriquement, nous recherchons des données sur les échanges pour étayer notre analyse.

MOTS CLÉS: Territoire. Frontière. Commerce transfrontalier. Interactions spatiales.

INTRODUÇÃO

Os territórios são marcados por identidades nacionais e pelo rendilhado cultural das nações. Em sua forma nacional, topográfica, são sublinhados pela geopolítica, a qual exige fronteiras para delimitar de forma clara onde o Estado exercerá o seu poder (Cataia, 2011, 2013). Contudo, um território não é apenas o local de exercício do poder do Estado. Consiste, também, no lugar de outros *usos* (Santos, 1994) não hegemônicos, mas que evidenciam a construção e a circulação de legitimidades políticas – de todos os agentes sociais – e não apenas das normatizações do Estado e do mercado na defesa de uma dada ordem socioterritorial.

Território e política são um par dialético, no qual as relações de poder assimétricas constituem as organizações sociais, resultando em conflitos permanentes na delimitação e na instalação de limites político-administrativos e fronteiras. As fronteiras, por sua vez, fazem parte de um *sistema de limites* (Raffestin, 1993), traduzido em duas formas: as linhas e as zonas. As primeiras referem-se aos desenhos que envelopam os territórios nacionais, já as segundas aludem a áreas de geometria variável e de difícil cartografia, cujos espaços alargam-se ou contraem-se consoante as dinâmicas sociais.

Cada pedaço ou díade de uma fronteira divide, de modo arbitrário, uma única região, onde as dinâmicas de contato entre povos compõem uma existência que guarda características

de ambos os lados da fronteira. Por isso, configuram uma “terceira” realidade ou *singularidade*, definida como uma zona na qual duas diferentes forças gravitacionais socioespaciais se atraem, em coalescência, e constituem uma densidade socioespacial própria.

A divisão do trabalho que congrega os dois lados da fronteira em uma singularidade – na forma de uma mancha urbana – é um fenômeno socioespacial que combina densidade e rarefação. Estas reportam ao número de habitantes em um dado espaço (o volume) e à intensidade das comunicações e das trocas entre os grupos sociais. Nesse sentido, Machado (2005) afirma que os espaços transfronteiriços indicam aproximações e rupturas nas relações comerciais, condicionando, assim, a organização das cidades-gêmeas, bem como as influências que exercem umas às outras e seus efeitos nas escalas regional e nacional. Compreender a fronteira como um filtro entre espaços horizontais em seus nexos com as verticalidades que provêm de outras escalas é o primeiro compromisso analítico assumido.

Na concepção de Raffestin (1993), comunicação e circulação têm papel central na definição das fronteiras. A circulação remete aos fluxos das materialidades, ao passo que a comunicação se refere às trocas de ideias, culturas e informações. Nesse ponto reside o segundo compromisso analítico: a análise das *influências recíprocas* (Mattelart, 1994) ou das *interações espaciais* (Corrêa, 1997). Há uma forma colocada à análise, e esta diz respeito à zona de fronteira entre os dois países; há um processo, relativo à história da divisão da ilha entre antigas potências coloniais e as lutas pela soberania dos povos; e há as interações espaciais, que se constituem em meios de articulação dos dois territórios nacionais.

Além de meios, as interações espaciais são efeito e condição das relações sociais entre os dois povos e os dois Estados, subordinados a uma divisão internacional do trabalho impositiva – primeiro colonial e hoje neoliberal. Assim, este compromisso analítico requer um diagnóstico das trocas havidas na fronteira. Para tanto, a análise baseia-se em tipos de produtos trocados, quantidade e qualidade de produtores e consumidores, distância percorrida, direção e intensidade dos fluxos. Ademais, considera-se a dinâmica temporal com os períodos de maior e menor intensidade, em razão da abertura e do fechamento da fronteira, apresentando, em âmbito metodológico, a velocidade e a frequência das interações. Tais interações, neste artigo,

são representadas pelo comércio entre as cidades de Ouanaminthe³ (Haiti) e Dajabón (República Dominicana).

Para esta reflexão, artigo foi dividido em três partes. A primeira reflete sobre o contexto geo-histórico das interações bilaterais entre as duas cidades, adotando como fundo a fronteira vivificada pelas trocas comerciais. A segunda parte analisa as dinâmicas do comércio entre as cidades, apresentando dados sobre as mercadorias presentes no fluxo comercial. A terceira apresenta os principais eixos de fluxos de mercadorias entre os dois países, localizando as principais cidades-gêmeas destes eixos. Por fim, apresentam-se as conclusões.

REGIÃO DE FRONTEIRA E CONTEXTO GEO-HISTÓRICO DAS CIDADES DE OUANAMINTHE E DAJABÓN

As fronteiras internacionais funcionam como um filtro fiscal, aduaneiro e migratório. Como as fronteiras possuem dois lados, os regimes nacionais de controle nunca coincidem. Nesse sentido, as interações bilaterais são contraditórias, porque quando um Estado decide, em caráter unilateral, fechar “sua” fronteira, ambas serão fechadas. Dessa forma, afeta não só o mercado internacional entre as nações, mas também e, sobretudo, abala as trocas locais, o mercado local estabelecido entre as cidades-gêmeas.

Alfonso (2010, 2016) e Théodat (2003) declaram que o mercado transfronteiriço entre as cidades de Ouanaminthe e Dajabón possui uma história marcada pelo compartilhamento, em uma mancha urbana localizada ao longo dos 380km de fronteiras entre os dois países. Desde meados do século XIX, o intercâmbio era representado por feiras transfronteiriças. Estas funcionavam, a princípio, no lado haitiano, considerado o mais forte economicamente e que provocava conflitos com comerciantes e políticos dominicanos, interessados em exercer controle sobre as práticas comerciais comuns. As pressões sociais em favor da circulação de mercadorias ocasionaram ajuste nas obrigações de cada lado da fronteira, e as normatizações estatais foram objeto de pesquisas. Corten (1994), Moudden (2006) e Ospina (2008)⁴ apontam que os regulamentos aduaneiros de ambos os lados foram suavizados após a morte de Trujillo. Em 1971, porém, a situação se agrava do lado do Haiti, com a ascensão do ditador Jean Claude Duvalier ao poder. Em 1986, com a queda do ditador, os militares reabrem a fronteira

³ Os dominicanos referem-se à cidade de Ouanaminthe como Juana Méndez. Até 1792, a cidade estava do lado dominicano da fronteira, mas foi tomada pelos haitianos no momento da Revolução Francesa.

⁴ Ospina (2008) chega a falar em *dominicanização* da fronteira, como uma tentativa do presidente dominicano Trujillo de dominar o espaço transfronteiriço.

gradativamente, sendo mais tolerantes com os comerciantes dominicanos e haitianos. Com o golpe militar, que forçou o ex-presidente haitiano Jean-Bertrand Aristide a deixar o poder em 1991, houve um período de embargo econômico, realizado pela Organização dos Estados Americanos (OEA), que paralisou toda a economia do país. Entre 1992 e 1994, o contrabando de mercadorias produziu um comércio transfronteiriço tão intenso que as cidades tiveram crescimento demográfico expressivo. A fronteira, oficialmente, estava fechada, mas o regime dominicano, ao compreender a relevância desse comércio, passou a tolerar essa relação. A partir de 1995, o regime começou a deixar aberta a passagem entre os dois países durante os dias de funcionamento das feiras dos mercados transfronteiriços.

Esse processo histórico não afetou apenas Ouanaminthe e Dajabón, mas todas as cidades fronteiriças, especialmente aquelas localizadas em eixos rodoviários. São quatro rodovias de longo percurso que ligam os dois países e quatro cidades-gêmeas (ver Mapa 1), com seus mercados funcionando sempre às segundas e sextas-feiras (das 8h às 16h). A exceção é a fronteira entre Malpasse (Fonds-Parisien) e Jimaní, em que a feira funciona às segundas e quintas-feiras, também das 8h às 16h. Nesses dias e horários, a fronteira é aberta para a circulação de pessoas e mercadorias. No eixo de maior circulação, objeto deste artigo, o fluxo de consumidores ocorre em uma única direção: os haitianos devem atravessar o rio Massacre, por meio de uma ponte que divide as cidades de Ouanaminthe e Dajabón, na qual há dois portões, um em cada lado da ponte.

A Província de Dajabón (que corresponderia no Brasil a um estado) possui dois distritos, Dajabón e Cañongo. Este último conta com 2.800 habitantes, e o primeiro, com 25.250, entre os quais 60% são urbanos (ONE, 2023; Atlas, 2021), vivendo na cidade de mesmo nome, cuja forma remete a um tabuleiro de xadrez. Em Dajabón, a feira é organizada no Mercado Fronteiriço de Dajabón – chamado de Mercafroda –, inaugurado em 15 de julho de 2012, cujo intuito era tirar das ruas o tradicional mercado binacional⁵. A inauguração do prédio em 2012, ainda inacabado, foi antecipada, porque na data estava ocorrendo no Haiti uma epidemia de cólera, e a Prefeitura (o Ayuntamiento) de Dajabón temia que o mercado de rua, sem certos

⁵ São comercializados produtos alimentícios, de higiene pessoal, bebidas, cigarros, roupas usadas, eletrodomésticos e celulares de segunda mão. À exceção dos produtos alimentícios perecíveis, a globalização do mercado é evidente, já que boa parte dos produtos industrializados vem do mundo todo.

cuidados de higiene, pudesse levar a epidemia para a República Dominicana (RD)⁶. A construção contou com financiamento do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), da União Europeia e da Agência de Cooperação Internacional do Japão (Jica) (Ayuntamiento de Dajabón, 2014). Em 2017, o edifício foi ampliado com recursos da União Europeia e hoje é responsável pela mais importante atividade econômica de Dajabón.

Do lado haitiano, a cidade de Ouanaminthe localiza-se na comuna de mesmo nome (que corresponderia a um município brasileiro), dentro do Departamento Nord-Est (similar a um estado brasileiro). O censo de 2009 indica uma população total de 107.664 habitantes para a comuna, sendo que 61,8% da população são urbanos, perfazendo um total de 66.563 habitantes na cidade. Segundo o levantamento, o crescimento da comuna girou em torno de 21% anuais e, se mantido esse ritmo, os números indicam que a comuna de Ouanaminthe atinja uma população total atual de 154 mil habitantes, com um crescimento urbano de 8,4% ao ano.

Tal crescimento é explicado por três fatores. O primeiro refere-se ao período de embargo econômico imposto pela OEA ao Haiti, de 1991 a 1994, quando a cidade se tornou um dos principais pontos de comércio, em especial de petróleo, com a RD, o que levou a uma forte corrente migratória. Depois de 2010, seguido do terremoto, observa-se outra corrente migratória na comuna de Ouanaminthe. Inclusive, esse é o momento em que o número absoluto de habitantes da capital, Porto Príncipe, diminuiu, já que parte da população fugiu da área mais atingida pela devastação. E o terceiro remete à instalação, em 2003, de uma zona franca na comuna de Ouanaminthe, a *Compagnie de Développement Industriel* (Codevi), voltada à produção de vestuário para exportação aos EUA, que atraiu trabalhadores ao ofertar três mil empregos diretos (PFC, 2016)⁷.

Quando uma das fronteiras entre os dois países é fechada, não importando a razão nacional, dois mercados “ilícitos” surgem do lado dominicano: um ao norte (em Vigía, setor 41 e Sánchez) e outro ao sul de Dajabón (em La Peñita). Não obstante as penalidades que recaem

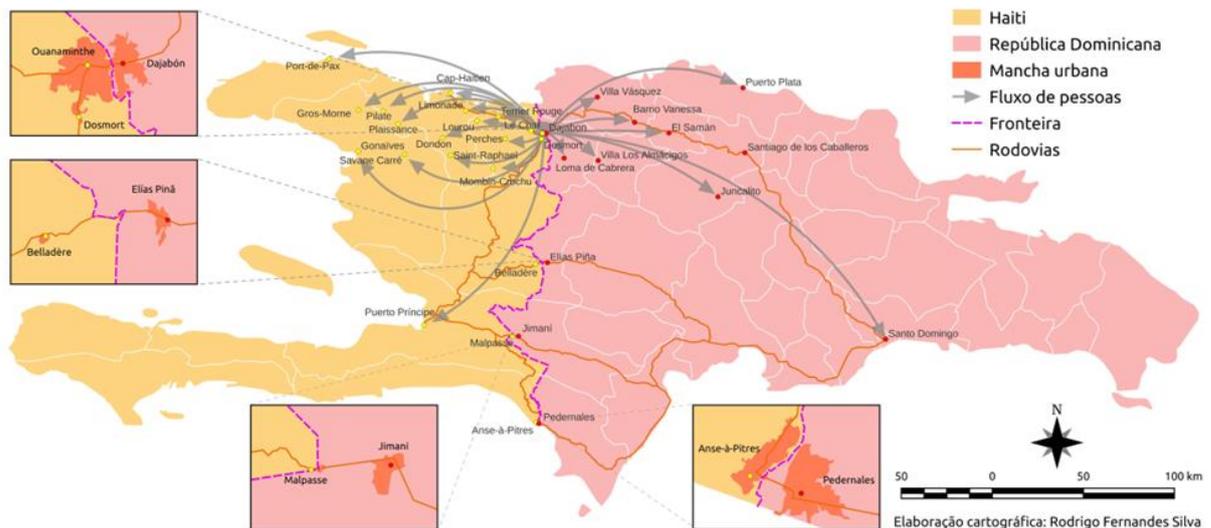
⁶ Esta informação tem sua razão de ser, uma vez que, não sendo o foco de nossa pesquisa, alerta para a necessidade de estudos que busquem elucidar se a epidemia de cólera não foi um alibi para adotar políticas higienistas e segregar trabalhadores do comércio de rua. Desde 2010, a Prefeitura de Dajabón vinha envidando esforços para tirar o comércio da rua, alegando dificuldades na fluidez urbana, sobretudo o acesso a serviços públicos como Igreja, Corpo de Bombeiros e o Hospital Ramón Matías Mella.

⁷ Os dados apresentados pelo *Centre de Facilitation des Investissements* – PFC (2016) referem-se ao censo demográfico haitiano de 2009, realizado pelo *Institut Haïtien de Statistique et d'Informatique* (IHSI). Todavia, o site do IHSI encontra-se fora do ar para qualquer consulta, em especial ao *Cinquième Recensement Général de la Population et de l'Habitat*, o mais atual, realizado em 2017, cuja síntese foi publicada em 2022. No entanto, não apresenta os dados desagregados por cidades.

sobre trabalhadores haitianos do comércio (500 dólares de multa) e consumidores haitianos (mercadorias apreendidas), o problema econômico, de um lado, e o desabastecimento, de outro, justificam o enfrentamento às autoridades haitianas. Tais mercados operam em propriedades alugadas para esse objetivo. Do lado dominicano, não existe repressão ao comércio. Pelo contrário, as autoridades locais apoiam os comerciantes, visto que o movimento no Mercafroda cai sem os haitianos (Jornal Elcaribe, 2024).

A maioria dos haitianos que atravessa a fronteira é composta por consumidores, mas existem, ainda que poucos, comerciantes que têm assento no Mercafroda. Há, do mesmo modo, “consumidores” haitianos que vêm de outras cidades para comprar e revender os produtos adquiridos no mercado. Existem, até mesmo, revendedores de Porto Príncipe (localizado a 200km de distância). Contudo, a maioria vem do Norte do país, como de Fort-Liberté, Limonade, Cabo Haitiano, Champín e Terrier-Rouge. Autoridades do *Cuerpo Especializado en Seguridad Fronteriza Terrestre* (CESFronT) dominicano reforçam que, às segundas e sextas-feiras, 35 mil haitianos, vindos de diversas cidades, chegam a atravessar a fronteira para o abastecimento, principalmente de produtos alimentícios⁸, conforme presente na Figura 1.

Figura 1: Fluxos de consumidores e revendedores do Mercafroda, na fronteira entre Ouanaminthe e Dajabón – 2019



Fonte: Sainté, 2022.

⁸ Conforme reportagem da Agência de Notícias EFE da Espanha, disponível em <https://www.swissinfo.ch/spa/el-mercado-fronterizo-con-republica-dominicana%2c-solucion-de-los-haitianos-para-abastecerse/74305153>

Ademais, desde 2022, as duas cidades passaram a conviver com um muro que vem sendo construído pelo Governo central da RD⁹, estabelecendo mais um entrave a ser superado pelas populações. Conforme reportagem da *British Broadcasting Corporation* (BBC) e do *Le Monde*¹⁰, em fevereiro de 2022, a RD decidiu construir uma “cerca perimetral inteligente” entre as cidades – a qual as populações chamam de muro –, acentuando a história conflituosa entre as nações. A RD alega que o país não pode “importar” a crise econômica e política haitiana para seu território. Sendo assim, em Dajabón, casas construídas em madeira foram demolidas para dar lugar às obras do muro, previsto para ocupar pelo menos 160 km de extensão.

Além do muro, a RD aumentou as deportações de haitianos. Portanto, a história da divisão da ilha por duas potências coloniais deixou marcas profundas na fronteira, que a cada conjuntura evidencia uma tensão intrínseca.

COMÉRCIO TRANSFRONTEIRIÇO E POBREZA

A zona de fronteira é um lugar de interações e de tensões políticas. Por um lado, o comércio do Mercafroda representa a possibilidade de abastecimento e trabalho para populações pobres dos dois lados da fronteira, permitindo o desenvolvimento de endogenia nas interações econômicas, caracterizada pelos gêneros alimentícios. Embora os produtos industrializados tenham origem externa à ilha, a aglomeração econômica e sua densidade funcionam como uma força de coalescência para os circuitos de troca. Por outro lado, a densidade demográfica com uma força de trabalho barata e a posição “privilegiada” da cidade de Ouanaminthe, próxima do principal porto do Norte do país, o Porto de Cabo Haitiano, serviram como atrativo para a instalação da Zona Franca de Codevi, em 2003. No ano 2000, o

⁹ O atual presidente dominicano, Luis Abinader, foi eleito em 2020 com uma plataforma contra a imigração clandestina – tema central dos governos de direita no mundo todo –, assegurando que seu governo interromperia o fluxo de imigrantes “indesejáveis” e proteger o país contra gangues haitianas. Calcula-se que a República Dominicana abrigue perto de 600 mil imigrantes haitianos. Em 2022, 171 mil pessoas foram expulsas do país. Regularmente os jornais noticiam as expulsões. Apenas no mês de novembro de 2022 foram expulsas 24.894 pessoas haitianas, conforme comunicado oficial do Governo dominicano (disponível em <https://migracion.gob.do/en/migration-deported-24894-undocumented-foreigners-in-november-the-retention-centers-in-haina-elias-pina-and-dabajon-are-being-repaired/>).

¹⁰ Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-61388826> e https://www.lemonde.fr/international/article/2023/11/25/quand-ils-ont-demoli-ma-maison-je-me-suis-evanouie-le-mur-erige-entre-la-republique-dominicaine-et-haiti-s-etend_6202243_3210.html#:~:text=Elles%20ont%20toutes%20laissé%20la,le%20long%20de%20la%20frontière

Haiti passou a ser “favorecido” por leis de comércio dos EUA¹¹ voltadas para o Caribe (o Mar Mediterrâneo da geopolítica estadunidense), que preveem isenção de impostos para produtos de vestuário (exceto artesanais). A Codevi pertence ao conglomerado empresarial dominicano Grupo M, que fabrica roupas para empresas dos EUA e aluga espaço para fábricas de empresas norte-americanas ou de outros países. Em outras palavras, ela também subloca o espaço. Encontram-se nesta parte do Haiti, portanto, conflitos entre interesses globais, das grandes empresas exportadoras, e das populações locais, submetidas a salários aviltantes.

Decerto, em primeiro lugar, é preciso reconhecer para quem a aglomeração apresenta uma conjuntura de existência e, em seguida, analisar para quem serve a fluidez da aglomeração (Silveira, 2011). A fluidez territorial e a troca de mercadoria promovida pelas comunidades fronteiriças são recursos para as empresas do circuito superior da economia mundial. A exemplo do fenômeno observado por Silva (2011) no Brasil – do uso de força de trabalho barata para a produção de vestuário –, nas cidades de Ouanaminthe e Dajabón há um uso da força de trabalho barata por parte da Codevi. Entretanto, tais cidades representam um abrigo para atividades do circuito inferior da economia urbana, responsável pela sobrevivência de grande parte da população que não obtém acesso ao trabalho ou aos produtos provenientes do circuito superior da economia. Decorre, pois, o comércio mais popular encontrado nas duas cidades, como se pode observar nas Figuras 2 e 3.

Figura 2: Ouanaminthe (Haiti). Produtos alimentícios comercializados



Fonte: Arquivos dos autores (2019).

¹¹ Para as referidas normas e leis, pode-se consultar o *Guia Comercial do Haiti*, preparado pela *International Trade Administration* do governo dos EUA, disponível em <https://www.export.gov/apex/article2?id=Haiti-Trade-Agreements>.

Figura 3: Dajabón (RD). Produtos comercializados

Fonte: Trabalho de campo, Dajabón, janeiro de 2019.

A aglomeração das duas cidades exerce papel de centro regional, atraindo tanto os capitais voltados para a comercialização quanto os capitais internacionais das grandes marcas de roupas. Todavia, o fenômeno da reprodução da pobreza é persistente. Para Paugam (2005), a pobreza resulta da necessidade constante de suprir demandas básicas não satisfeitas pelo mercado, tampouco pelo Estado, culminando em uma desqualificação social que se reproduz. A pobreza possui uma característica relacional, não sendo definida em si, mas em comparação com os níveis médios de rendimentos. Assim, onde faltam investimentos capitalistas e sociais, a instabilidade econômica e a vulnerabilidade da população expandem a pobreza. Na concepção de Sen (2003), a pobreza representa os baixos rendimentos, como também uma privação de capacidades básicas. Estas, por sua vez, são definidas em termos de liberdades substantivas, que permitem a um indivíduo ter a liberdade de assumir o tipo de vida desejado. No entanto, não é possível negar a relevância dos baixos rendimentos, pois esse fator constitui uma das principais causas da pobreza, já que a falta de recursos é a fonte de privação de necessidades.

Santos (1999) argumenta que há três formas de pobreza. Uma é a *pobreza incluída*, uma pobreza acidental ou residual resultante de problemas sazonais, os quais poderiam estar ligados a eventos naturais e sem vasos comunicantes. Em outros termos, a pobreza ocorreria em uma região, mas não atingiria outras, não era sistêmica. A segunda consiste na pobreza vista como um problema mundial ou civilizacional, que ficou conhecida como *marginalidade*. Foi produzida pelo processo econômico responsável pela modernização das sociedades nacionais, com uma consequente divisão social e territorial do trabalho que não abarcava todas as pessoas, mas que, acreditava-se, poderia ser corrigida pelo planejamento governamental. A pobreza atual

é o terceiro tipo, configurando a *pobreza estrutural*. Ela não é acidental, tampouco foi solucionada com a intervenção do planejamento econômico. Ela está globalizada e disseminada por toda parte.

No Haiti, os grandes eventos – terremotos e furacões – que devastaram regiões não tiveram como consequência uma pobreza acidental, uma vez que as destruições permaneceram presentes na forma de ruínas. Tampouco o governo nacional pôde atacar a dívida social que a pobreza representava no país antes de tais eventos. Nesse contexto, a pobreza moderada atingiu 58,6% no território nacional, ao passo que 90% das famílias (dados de 2004) encontravam-se em vulnerabilidade (Montas, 2005). As necessidades básicas supridas no mercado (alimentos, água, abrigo, roupas, transporte) representam mais de 93% dos gastos no orçamento doméstico no Haiti, aprofundando as situações de pobreza e vulnerabilidade.

Dessa forma, as trocas comerciais na fronteira apresentam-se como uma possibilidade de trabalho e renda, bem como um lugar para comprar alimentos mais baratos, sobretudo para os haitianos, já que o país é permanentemente afetado pelo desabastecimento. Sob essa ótica, a feira transfronteiriça gera trabalho temporário, contribuindo para uma complementação dos rendimentos. No entanto, essas estratégias servem apenas para aliviar a sobrevivência mútua, e não para erradicar a situação de pobreza que prevalece nas duas comunidades de fronteira (Jesús; Alfonso, 2005). O relatório do *Programme des Nations Unies pour l'Environnement* (Pnue) de 2013 reconhece que um dos principais problemas para as políticas públicas e a reestruturação da situação da cidade de Ouanaminthe é a pobreza, traduzida principalmente na falta de emprego e na insegurança alimentar.

Buscando a redução da pobreza, o Haiti, como outros países, acreditou que a implantação de zonas francas diminuiria a dívida social por meio da geração de emprego e renda. Isso porque a Codevi emprega, atualmente, em suas 25 fábricas, 18 mil pessoas, representadas em 70% por trabalhadoras, cujos salários variam entre 134 e 150 dólares por mês. Essa estratégia, porém, não tem retratado alternativa para diminuir de modo sistemático os desequilíbrios regionais e sociais existentes no país. Para Jorge (2014), a Codevi é um lugar de reprodução da pobreza. E, de fato, o êxodo rural tem agravado o fenômeno da pobreza estrutural. Assim, o projeto atrai com promessas de melhores condições, mas não é capaz de suprir a força de trabalho. Para os trabalhadores, os salários são baixos, o que acentua o problema na fronteira, local para onde vão os trabalhadores.

MERCADO EXTERNO E EIXOS DE CIRCULAÇÃO ENTRE HAITI E REPÚBLICA DOMINICANA

Os EUA, consoante Dupont (2022), constituem o principal mercado exportador do Haiti, absorvendo 84% das exportações, as quais são compostas por artigos manufaturados têxteis e vestuário, e que representam 88% do total da exportação do país. Esses números são seguidos da RD, com 3%, posto que outras nações estão abaixo dos 3%. Os dados incluem as trocas realizadas pelos meios aéreo, marítimo e terrestre.

Para a RD, o comércio com o Haiti representa 9,3% de suas exportações, enquanto os EUA ficam com 55,5% (Comércio Exterior, 2019). Ou seja, a ilha tem os EUA como seu principal parceiro comercial. Como a capacidade produtiva do Haiti é baixa, o país necessita de importações massivas para abastecer seu mercado e suas demandas sociais, como alimentação e energia, inclusive para cocção. De acordo com o Rapport do *Centre de Facilitation des Investissements – CFI* (2016)¹² – dados de 2014 – o Haiti possui um déficit significativo nas trocas comerciais. Naquele ano, exportou para a RD (pelos meios terrestre, aéreo e marítimo) quatro milhões de dólares e importou 1,42 bilhão de dólares.

Em contrapartida, dados das Nações Unidas¹³[5], conforme apresentados na Tabela 1, indicam que o déficit permanece, apesar de importações fundamentais, como é o caso do algodão, necessário para as empresas exportadoras de vestuário da zona franca de Codevi, bem como farinha de trigo e óleo de soja e barras de ferro e cimento para a indústria da construção civil. Os produtos exportados do Haiti para a RD em 2022 foram o vestuário (mais de 88%). Contudo, em 2019, a crise política do país, em razão da deposição do presidente Jovenel Moïse, atingiu seu sistema produtivo de exportação. Ademais, entre 2020 e 2021, à crise político-econômica juntou-se a pandemia para agravar a situação.

¹² O relatório apresenta as dificuldades do Haiti em construir uma base de dados confiável sobre a troca de mercadorias entre os dois países. Tanto assim que, ao final do documento, uma das sugestões para o Governo haitiano é envolver-se neste desafio do levantamento de dados confiáveis para a realização de políticas públicas. Por isso, é fundamental destacar que esse relatório haitiano buscou na *Oficina Nacional de Estadística (ONE)*, órgão do Governo dominicano, os dados oficiais sobre as trocas entre os países, no chamado “dados espelho”. Em outras palavras, os dados que a República Dominicana lança como balança comercial (importação e exportação) e o Haiti aceita como dado oficial haitiano. Esse é o último relatório analítico publicado pela CFI sobre as trocas comerciais.

¹³ Dados consultados em: UN *Comtrade United Nations International Trade Statistics Database*.

Tabela 1: Balança comercial do Haiti com a República Dominicana

Trocas/Anos	2018	2019	2020	2021	2022
Exportação	15.116.303	3.530.563	5.375.030	4.315.805	11.898.826
Importação	1.259.870.795	1.223.607.046	751.232.609	954.690.644	1.018.567.016
Total	1.274.987.098	1.227.137.609	756.607.639	959.006.449	1.030.465.842
Déficit haitiano	1.244.754.492	1.220.076.483	745.857.579	950.374.839	1.006.668.190

Fonte: Elaboração dos autores (2024) com dados da *Comtrade United Nations International Trade Statistics Database*.

Em 2022, as exportações para os EUA repetiram as mercadorias – vestuário –, mas as importações foram compostas por combustíveis (42%), arroz (19,3%), carne de frango (7,4%) e trigo (3,8%), que conformam 72% das importações. No mesmo ano, o Haiti exportou para os EUA 1,07 bilhão de dólares, enquanto as importações somaram 1,2 bilhão de dólares. Desse modo, apresenta-se um déficit: as exportações, essencialmente de vestuário, marcam um país que não consegue diversificar sua base produtiva. Por isso, suas importações precisam responder ao consumo e a uma maior diversidade de produtos.

Os déficits com os principais parceiros econômicos do Haiti chamam a atenção. No entanto, registram-se superávits pelo Banco Central do Haiti¹⁴. Eles provêm, em ordem crescente, dos investimentos diretos externos, do turismo, das exportações (em que há déficit na balança), mas, sobretudo, das remessas de dinheiro que os imigrantes realizam. Em 2022, tais remessas computaram 3,1 bilhões de dólares, e 80% delas são provenientes dos EUA, seguido por Chile, Canadá, França e Brasil (próximo de 3%). A importância das remessas de dinheiro para o Haiti demandaria, pois, um investimento reflexivo à parte¹⁵[7], para o qual não há espaço neste artigo. Todavia, esse elemento da manutenção da economia haitiana tem relevância, sem o qual as trocas com a RD tomariam outra dimensão em toda a fronteira.

¹⁴ Banco de dados disponível em <https://www.brh.ht/statistiques/bdp-et-commerce-exterieur/> e uma empresa autointitulada *Think Tank Global*, <https://www.thedialogue.org/blogs/2022/11/haitis-turnaround-and-its-impact-on-remittances/>

¹⁵ Ver a tese de Monacé (2021).

Segundo a CFI (2016), existem 14 pontos de travessia para os intercâmbios. Os quatro principais são: a) no Norte, as cidades-gêmeas de Ouanaminthe e Dajabón são atravessadas por um corredor rodoviário que liga cidades como Cabo Haitiano e Santiago de los Caballeros; b) no Centro, Belladère e Elías Piña, que não são gêmeas; c) no Sul, encontra-se o principal corredor que conecta, com as menores distâncias, as duas capitais (Porto Príncipe e Santo Domingo). Na fronteira, colocam em contato as cidades Malpasse (que dista 40km de Porto Príncipe) e Jimaní (distante 260km de Santo Domingo), mas não são cidades-gêmeas. Este eixo concentra, porém, o maior fluxo de mercadorias pela proximidade com Porto Príncipe; e d) no extremo Sul da ilha, duas cidades-gêmeas são confrontadas: Anse-à-Pitres (distante 137km de Porto Príncipe) e Pedernales (localizada a 300km da capital Santo Domingo), com um baixo fluxo de mercadorias, em torno de 5%. Isso porque não há centros urbanos para consumo de maior monta nas proximidades, conforme exposto na Tabela 2.

Tabela 2: Fluxo de importações de mercadorias do Haiti provenientes da República Dominicana, em 2014 (em dólares) por via terrestre*

Alfândegas	Valor das importações do Haiti	% das importações
Ouanaminthe	251.204.599	27,7
Belladère	78.028.786	8,6
Malpasse	565.500.170	62,5
Anse-à-Pitres	9.714.492	1,2
Total	904.448.047	100

*A via terrestre corresponde a 75% das trocas.

Fonte: Rapport du Centre de Facilitation des Investissements, CFI (2016).

Além do comércio realizado para o abastecimento das populações mais pobres, Ouanaminthe e Dajabón são o ponto de passagem oficial de um volume de mercadorias no valor de US\$ 251 milhões. Esse volume permite atender a demanda da principal cidade do Norte do Haiti, Cabo Haitiano (capital do Departamento do Norte), e outras localidades regionais. São insumos importados da RD que abastecem as zonas francas de Caracol e Codevi. Entre os produtos importados, apenas 7,9% do valor foram registrados na alfândega haitiana (Centre de Facilitation des Investissements, 2016). Essa discrepância diz respeito a um fluxo de mercadorias que atende pela expressão “*importations facilités*”, ou, seja, mercadorias não registradas pela alfândega do Haiti.

O fluxo de mercadorias mais intenso na cidade de Malpasse é explicado pelo fato de que a rodovia que atravessa a cidade vai direto para Porto Príncipe e trafega com mercadorias para as empresas localizadas nos centros industriais da capital. Os eixos que ligam as cidades onde há maior poder de consumo são dinamizados em pontos estratégicos, como é o caso das cidades-gêmeas, nas quais produtos são comercializados, bem como ideias, pessoas, dinheiro e a própria cultura comum. Nesse sentido, não há originalidade estrutural, já que o mesmo fenômeno é observado em outras fronteiras, conforme destacaram Foucher (2007) e Raffestin (1974). Em outros termos, é possível afirmar que a ilha é mais fluida onde os sistemas técnicos permitem ou autorizam as interações espaciais (Santos, 1994; Corrêa, 1997).

A modernização dos sistemas de circulação, promovida pela presença da Codevi, ampliou as interações espaciais ligadas ao circuito superior da economia urbana, sobretudo no eixo Ouanaminthe e Dajabón. O comércio internacional e a circulação de mercadorias entre unidades produtivas são, pois, exemplos de interações espaciais, bem como refletem as diferenças históricas entre os lugares ante as demandas do mercado (Corrêa, 1997). As interações não se realizam apenas entre as redes técnicas – das trocas de mercadorias –, mas também entre todas as redes sociais que permitem a existência de relações em uma zona de fronteira ou em uma região. Além disso, as interações são “assimétricas e assíncronas”, no sentido de que segmentam e hierarquizam os jogos das trocas em um sistema territorial que alia as trocas físicas e as normas, sejam elas jurídicas ou consuetudinárias.

Por meio do mercado entre Ouanaminthe e Dajabón, as populações interagem com práticas e vivências que facilitam as trocas entre compradores e vendedores de diferentes localidades, e não apenas na fronteira. Mediante os fluxos de produtos adquiridos no mercado transfronteiriço, fica evidente que outras cidades de diversos portes participam da distribuição varejista – e, portanto, binacional –, formando uma rede de localidades interdependentes, com produtos provenientes do mundo, como as doações realizadas por agências internacionais (calçados e vestuário) e que passam a ser comercializados na fronteira, em um tipo de comércio conhecido como *Pèpè* (Sainte, 2022). Em decorrência disso, entende-se a relevância da fronteira tanto ao receber fluxos que a atravessam quanto ao produzir um mercado local para a vida de relações das populações pobres.

Sendo assim, as redes de cidades, formadas por processos verticais (como no caso do comércio *Pèpè*), juntam-se às redes locais, horizontais e domésticas, para gerar *situações*

geográficas complexas (Cataia; Ribeiro, 2015) nas zonas de fronteira. Cada díade que confronta cidades vivificadas pelas trocas compõe uma situação particular, uma *situação geográfica* marcada pela fertilização cruzada entre horizontalidades e verticalidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação comercial entre Ouanaminthe e Dajabón faz com que elas se destaquem nas formações socioespaciais, por promoverem, mediante iniciativas populares, a criação de trabalho e renda para as populações pobres. O comércio praticado na fronteira é fonte de renda para as comunidades locais. Assim, a maior parte da população de tais cidades está ligada direta ou indiretamente a essas atividades. Levando em conta a aproximação entre teoria e observações empíricas, as cidades fronteiriças demonstram interações reveladas pelo comércio e pelo trabalho cotidianos, sobretudo para os haitianos, que têm na fronteira um lugar de existência.

Desse modo, a fronteira resulta de processos multidimensionais que se transformam em possibilidades para os dois lados, ainda que, de forma empírica, as oportunidades não sejam as mesmas para ambos. O possível e o oportuno marcam, nesse sentido, as zonas de fronteira. Portanto, a intervenção do Estado, por suas prerrogativas, pode desequilibrar o “livre” jogo das trocas, intervindo e ampliando certos beneficiários e privilegiando um lado em detrimento do outro. De tal maneira, a fronteira passa a ser regulada segundo objetivos externos aos lugares, interferindo nas oportunidades apresentadas às populações. A vida de relações endógenas vai sendo atravessada por ordens provenientes de outros escalões, agenciando uma situação geográfica particular.

As relações comerciais entre as cidades estabelecem uma dinâmica para a formação territorial de cada país. As fronteiras não têm apenas a função estatal de separação geopolítica, mas também são instrumentos porosos de contato entre povos, culturas e mercados. Já as relações de trocas – mercadorias, dinheiro, ideias – não foram induzidas por um ou outro Estado para um aproveitamento unilateral das potencialidades. De fato, não existe uma norma escrita para tal, mas sim para a cooperação. Contudo, a história das trocas é suscetível às conjunturas econômicas, sociais e políticas. Posto isso, todos os tipos de trocas são combinados, mas desiguais, isto é, as zonas de fronteira são assimétricas, cujos vínculos produzidos pelos fluxos mudam ao sabor do tempo.

Outrossim, os poderes locais de ambos os lados da fronteira enfrentam problemas de colaboração administrativa e política para ordenamento e filtro das atividades comerciais. No entanto, há que se sublinhar que a natureza dos fluxos não é dócil à domesticação. Ao mesmo tempo, existe um entrave na criação de projetos binacionais para o fortalecimento das corporações e a redução dos desequilíbrios existentes nas relações comerciais e políticas entre as duas cidades.

Convém pontuar que as dinâmicas socioeconômicas na fronteira dominicano-haitiana refletem as precariedades infraestruturais dos dois Estados e a falta de políticas públicas destinadas à área de fronteira, considerando-a a franja na qual o contato entre os povos faz emergir um mercado singular. As análises sobre as dinâmicas socioterritoriais na fronteira entre Ouanaminthe e Dajabón fornecem subsídios para a interpretação das interdependências entre economias e povos, tendo em vista uma fronteira na periferia do sistema, ou Sul Global, que não apresenta as urgências e carências das fronteiras entre o Sul e o Norte Global.

Por fim, mas sem esgotar o tema, enfatiza-se a realização de estudos em formações socioespaciais invisíveis, ou com pouca visibilidade internacional relativa à vida de relações, como é o caso do Haiti e da República Dominicana, contemplados neste artigo.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem o financiamento à pesquisa concedido pela FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo e pelo CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, o financiamento à pesquisa

REFERÊNCIAS

ALFONSO, H. D. La nueva geografía de la frontera; corredores, regiones económicas y complejos urbanos transfronterizos. *In*: ALFONSO, H. D. **La frontera dominico-haitiana**. Un estudio multidisciplinario. Santo Domingo: Banco Interamericano de Desarrollo, 2010.

ALFONSO, H. D. La regionalización precaria en la frontera dominico/haitiana. *Si Somos Americanos*. **Revista de Estudios Transfronterizos**, [S.l.], v. 16, n. 1, p. 15-41, 2016.

ATLAS. Expansión de las comunidades urbanas en la provincia Dajabón, República Dominicana 1998-2018. **Oficina Nacional de Estadística**, 2021. Disponível em: <https://www.one.gob.do/media/e3bd44mp/atlas-expansión-de-las-comunidades-urbanas-en-la-provincia-dajabón-rep-d.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2023.

AYUNTAMIENTO DE DAJABÓN. **Detalle de Rendición de Cuentas**, 2014. Disponível em <https://sismap.gob.do/Municipal/uploads/evidencias/635519137682840357-RENDICION-DE-CUENTA-AYUNTAMIENTO-DAJABON-2014.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2023.

CATAIA, M. A. Quem tem medo das fronteiras no período da globalização? **Revista Terra Livre**, São Paulo, v. 1, n. 40, p.65-80, 2013.

CATAIA, M. A. Território político: fundamento e fundamentação do estado. **Sociedade Natureza**, [S.l.], v. 23, n. 1, p. 115-124, 2011.

CATAIA, M. A.; RIBEIRO, L. H. Análise de situações geográficas: notas sobre metodologia de pesquisa em geografia. **Revista da Anpege**, [S.l.], v. 11, n. 15, p. 9-30, 2015.

CENTRE DE FACILITATION DES INVESTISSEMENTS (CFI). **Les flux commerciaux entre Haïti et la République Dominicaine**. Opportunités pour accroître la production haïtienne. Port au Prince, 2016. Disponível em: <http://www.haitilibre.com/docs/flux2.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2023.

COMÉRCIO EXTERIOR 2019. Estadísticas Dominicanas. Comercio Internacional de Bienes. **ONE, Oficina Nacional de Estadística**, Santo Domingo, agosto de 2019. Disponível em: <https://www.one.gob.do/datos-y-estadisticas/temas/estadisticas-economicas/comercio-exterior-y-balanza-de-pagos/comercio-exterior/>. Acesso em: 25 mar. 2023.

CORRÊA, R. L. Interações espaciais. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (eds.). **Explorações Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 279-319.

CORTEN, A. Port-au-Prince, Washington, Santo Domingo Premières leçons d'un embargo (Note). **Études internationales**, [S.l.], v. 25, n. 4, p. 671-692, 1994.

DUPONT, L. Gouvernance et commerce bilatéral: rôle et influence des institutions dans les relations commerciales entre Haïti et la République dominicaine. **Études caribéennes**, [S.l.], v. 51, p. 1-10, 2022. Disponível em: <http://journals.openedition.org/etudescaribeennes/23528>. Acesso em: 25 mar. 2023.

FOUCHER, M. **L'obsession des frontières**. Paris: Ed. PERRIN, 2007.

JESÚS, S.; ALFONSO, H. D. De problemas y oportunidades: intermediación urbana fronteriza em República Dominicana. **Revista Mexicana de Sociología**, [S.l.], v. 67, n. 1, p. 99-126, 2005.

JORGE, O. C. **Codemò**. Escravos sem grilhões: vida operária ao redor da zona franca CODEVI em Ouanaminthe, Haiti. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

JORNAL ELCARIBE de 28/03/2024. Disponível em <https://www.elcaribe.com.do/panorama/pais/dos-mercados-informales-operan-en-la-frontera-dajabon-pese-advertencias-de-haiti-a-sus-ciudadanos/>. Acesso em: 24 jul. 2023.

MACHADO, L. O. **Estado, territorialidade, redes, cidades-gêmeas na zona de fronteira Sul-Americana**. Rio Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 246-284. Disponível em: https://www.academia.edu/16138912/Estado_Territorialidades_Redes_Cidades_G%C3%AAmeas_na_Zona_de_Fronteira_Sul_americana. Acesso em: 24 jul. 2023.

MATTELART, A. **A invenção da comunicação**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

MONACÉ, J.-K. **Dyaspóra haitiano no Brasil, voye kòb e famílias no Haiti**: vínculos sociais, múltiplas estratégias de reprodução e dyasporização. Tese (Desenvolvimento Regional) – Universidade Federal do Tocantins, Tocantins, 2021.

MONTAS, R. **La pauvreté en Haiti**: situation, causes et politiques de sortie. LC/MEX/R.879: CEPALC, 2005.

MOUDDEN, L. P. E. **Villes à la frontière et transformation de l'espace**: le cas de Haïti et la République Dominicaine. Tese. École Polytechnique Fédérale de Lausanne, Lausanne, 2006.

OFICINA NACIONAL DE ESTADÍSTICA (ONE). El Portal de las Estadísticas Dominicanas. **Tu Municipio em Cifras**, 2023. Disponível em: <https://www.one.gob.do/publicaciones/2023/tu-municipio-en-cifras-dajabon/?altTemplate=publicacionOnline>. Acesso em: 25 mar. 2023.

OSPINA, S. O. **Da dominicanización de la frontera entre República Dominicana y Haití**: la expresión de una política exterior construída a partir de las identidades. Tese. Pontificia Universidad Javeriana, Bogota, 2008.

PAUGAM, S. **Les formes élémentaires de la pauvreté**. Paris: Presses Universitaire de France, 2005.

PLAN DE FINANCEMENT DES SERVICES PUBLICS COMMUNAUX (PFC). **Mairie de Ouanaminthe**, septembre de 2014. République d'Haïti, Département du Nord-Est, Commune de Ouanaminthe. Disponível em: <https://bukante.net/downloads/PFCOuanaminthe.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2023.

PROGRAMME DES NATIONS UNIES POUR L'ENVIRONNEMENT (PNUE). **Haiti-República Dominicana**: Défis environnementaux dans la zone frontalière. Le Cradin, Plagne, France, 2013.

RAFFESTIN, C. Espace, temps, frontière. **Cahiers de Géographie de Québec**, [S.l.], v. 18, n. 43, p. 23-34, 1974.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

SAINTÉ, G. **Uso do território e comércio transfronteiriço**: interações espaciais entre Haiti e República Dominicana. São Paulo: Editora Dialética, 2022.

SANTOS, M. As formas da pobreza e da dívida social. Textos – Momento Nacional, 3ª Semana Social Brasileira. Resgate das dívidas sociais: justiça e solidariedade na construção de uma sociedade democrática. **Secretaria Nacional da CNBB**, Brasília, 1999.

SANTOS, M. O retorno do território. *In*: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A.; SILVEIRA, M. L. (eds.). **Território, globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 1994. p. 15-20.

SEN, A. **Un nouveau modèle économique**: développement, justice, liberté. Paris: Editions Odile Jack, 2003.

SILVA, S. C. da. Mapeamento dos agentes do circuito inferior de produção na metrópole de São Paulo: elementos para o debate do território usado. *In*: SILVA, C. A. da. (org.). **Território e ação social**: sentidos da apropriação urbana. Rio Janeiro: Lamparina, 2011. p. 115-136.

SILVEIRA, M. L. Território usado: dinâmicas de especialização, dinâmicas de diversidade. **Revista Ciência Geográfica**, São Luís, v. 15, n. 1, p. 4-12, 2011.

THÉODAT, J.-M. **Haïti - République Dominicaine**: une île pour deux. 1804 - 1916. Paris: Karthala, 2003.

Recebido em Janeiro de 2024

Aprovado em Abril de 2024

Publicado em Agosto de 2024